

Uma psicanalista pioneira

Susan Markuszower

Resenha de Alexandre Socha (org.), *Ruth Mack Brunswick: escritos reunidos*, São Paulo, Quina, 2023, 259p.

Ruth Mack Brunswick: escritos reunidos é um livro valioso por ser inédito em qualquer idioma, é a primeira vez que se publica a obra completa da psicanalista. A coletânea resgata do esquecimento essa autora pioneira, cuja colaboração estreita com Freud teve importância na construção do pensamento psicanalítico – seja no tratamento psicanalítico das psicoses, como no estudo do desenvolvimento emocional de crianças pequenas e suas mães.

O livro apresenta os seis artigos publicados pela psicanalista e o “Anexo”, que se refere ao debate entre Ruth Mack Brunswick e Jenő Hárnik, psicanalista húngaro, sobre o texto “Um suplemento à *História de uma neurose infantil*, de Freud”. O primoroso prefácio de Renata Udler Cromberg e o excelente posfácio de Alexandre Socha, organizador do livro, contextualizam os artigos e oferecem ao leitor a oportunidade de tomar conhecimento das circunstâncias de vida dessa psicanalista que nasceu em 1897, em Chicago, EUA. Brunswick era:

Filha única de um rico casal da burguesia judaica que, após ser rejeitada em Harvard, por ser mulher, terminou

seus estudos de medicina na *Tufts University* em *Medford, Massachusetts*, especializando-se em psiquiatria. Em 1922, aos 25 anos, mudou-se sozinha para Viena para começar sua análise com Freud, com a intenção de curar-se de uma grave hipocondria (p. 20).

A análise com Freud se estendeu até 1938, entre idas e vindas, quando retorna definitivamente para os Estados Unidos devido ao início da Segunda Guerra Mundial, onde continuou sua atividade como psicanalista até seu falecimento, em 1946.

A foto da psicanalista, nas primeiras páginas do livro, nos mostra uma mulher com sua bebê, de aproximadamente 18 meses, num abraço carinhoso em que ambas estão sorridentes e contentes. Essa imagem me pareceu interessante, pois é possível notar que essa mulher irradia uma contemporaneidade diferente da estranheza que as pessoas das fotos do século passado costumam nos evocar. Tal imagem vai ao encontro da liberdade de expressão que aparece em seus manejos clínicos, como no caso descrito no artigo “Análise de um caso de paranoia (delírio de ciúme)”, de 1929. Cito algumas passagens:

Explico que todas as crianças se masturbam, às vezes por conta própria, às vezes depois de terem sido ensinadas a fazê-lo por pessoas mais velhas ou por outras crianças. Acrescento que em geral uma criança é encontrada se masturbando e é punida ou amedrontada ou ao menos impedida de se masturbar de novo por alguma pessoa mais velha, de modo que, se a criança continuar a fazer o que foi proibido, ela normalmente o faz com um sentimento de má conduta e culpa e medo das consequências. Asseguro então, à paciente, que não há fundamento para o medo de que a masturbação faça a pessoa adoecer (p. 103).

E um pouco adiante:

Pergunto se está familiarizada com as várias partes da genitália feminina e descubro que não. Ao descrevê-las para ela, pergunto se já notou o pequeno órgão “na frente” semelhante ao maior do homem. Sim, ela está familiarizada com isso (ainda que não pelo nome); ele só está

mutilado, não é? Ela manteve a ideia infantil da castração da fêmea em sua forma original (p. 107).

Na descrição desse tratamento, que teve duração de apenas dois meses e meio, é possível notar sua profundidade clínica e, ao mesmo tempo, ele nos revela sua conduta para estabelecer uma relação transferencial – mesmo tendo essa paciente sido diagnosticada com psicose paranoica de ciúmes. Dessa forma, Brunswick amplia a concepção inicialmente formulada por Freud de que o tratamento psicanalítico não seria acessível às psicoses.

A ampliação dos conceitos psicanalíticos se dá também quando Brunswick e Freud formulam conjuntamente o conceito de fase pré-ediapiana. Até então desconsiderada, essa fase anterior ao complexo de Édipo ganha importância fundamental. O termo pré-ediapiano foi cunhado pela primeira vez por Brunswick, no artigo de 1929 supracitado, e por Freud nos artigos “Sobre a sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade” (1933).

Contudo, é curioso observar que o artigo de Brunswick dedicado a esse conceito, intitulado “A fase pré-ediapiana do desenvolvimento da libido”, foi apenas publicado em 1940, um ano após a morte de Freud. O fato de o artigo apresentar formulações que se opõem à perspectiva clássica freudiana nos indica, provavelmente, que o lapso de dez anos entre a formulação do conceito e sua publicação, em 1940, não se deva apenas a motivos circunstanciais. Socha afirma a respeito dessa questão que

O cuidado para manter a originalidade sem se opor frontalmente à teoria freudiana não passa despercebido nos textos de Brunswick, cuidado bastante compreensível se considerarmos a suscetibilidade de Freud às eventuais discordâncias de seus seguidores (p. 240).

Cromberg, em seu prefácio, também aponta a possível necessidade desse cuidado em relação ao termo pré-ediapiano:

Ela deveria estar muito alerta a respeito da cisão entre Freud e Rank por causa da formulação deste (termo) em 1924 de que havia fatores etiológicos da doença psíquica

que não estavam relacionados com o complexo de Édipo (p. 14).

De maneira bastante elegante, Brunswick faz alusão a esse cuidado quando diz no artigo citado anteriormente, “A fase pré-ediapiana do desenvolvimento da libido”, que “às vezes, a nova formulação difere da antiga apenas por uma nuance, mas com frequência, é exatamente essa nuance que é significativa” (p. 169).

É por essa sua capacidade intelectual, que durante sua estadia em Viena Brunswick se torna uma das discípulas mais fervorosas de Freud. Ao lado de Marie Bonaparte, Jeanne Lampl-de Groot e outras, pertencia ao círculo das mulheres que estavam em torno dele na década de 1920. É curioso notar que, nessa década, Freud prefere se associar às mulheres que são independentes, inteligentes e produtivas dentro do âmbito psicanalítico. Socha, no posfácio, comenta que:

Com a ruptura definitiva de Otto Rank e o estremecimento na relação com Sándor Ferenczi a partir da segunda metade dos anos 1920, Sigmund Freud não voltou a adotar nenhum potencial “herdeiro” ao seu legado científico. Cansado daquilo que considerava ser uma recorrente rivalidade masculina com a figura paterna, começou a cercar-se sobretudo por mulheres, na sua maioria jovens e talentosas (p. 229).

Desse modo, ao longo dos anos 1920, Brunswick se converte na colaboradora favorita de Freud – conforme relatos obtidos por Paul Roazen. Ao reconhecer seu talento e sua habilidade, Freud lhe encaminha muitos pacientes, entre eles Sergei Konstantinovitch Pankejeff, conhecido também como o homem dos lobos.

No artigo “Um suplemento à história de uma neurose infantil, de Freud”, de 1928, Brunswick descreve a análise do homem dos lobos que, num primeiro momento, teve duração de cinco meses (outubro de 1926 a fevereiro de 1927). Após dois anos o homem dos lobos retomou sua análise e, nesse segundo momento, entre idas e vindas, a análise se estendeu ao longo de quase uma década.

Brunswick aceita o paciente russo, anteriormente milionário, sem lhe cobrar honorários, pois Pankejeff havia perdido toda sua fortuna durante a Revolução Russa e o regime bolchevique. Percebe-se que o paciente logo cria uma relação transferencial com a analista, principalmente, por pressupor que ela discutiria seu caso com Freud, “a figura de Freud pairava como uma nuvem sobre aquela análise” (p. 236).

Nessa coletânea, há um outro artigo intitulado “Uma nota sobre a teoria infantil do *coitus a tergo*”, de 1929, no qual a psicanalista observa que quando a cena primária é lembrada durante uma análise, geralmente, a criança relata ter visto o *coitus a tergo* dos pais. Para Brunswick, a frequência da presença dessa lembrança nos leva a crer que pode se tratar tanto de uma fantasia, como de uma falsificação de fatos. Entretanto, ao se perguntar se a diferença entre fato ou fantasia teria alguma importância nesse caso. Ela diz o seguinte:

Terapeuticamente, a questão é de pouca importância; sabemos que em seus resultados, pouca diferença é notada entre fato e fantasia. Entretanto a cena primária e suas consequências formam uma pedra angular da estrutura psíquica da infância e, como tal, devem ser conhecidas por nós em todos os detalhes (p. 94).

Num outro artigo, nomeado como “A mentira aceita”, de 1943, Brunswick investiga a alegação de que as mulheres mentiriam com mais facilidade e frequência do que os homens. A partir da análise de um paciente homem, que a acusa de ser uma pessoa mentirosa, Brunswick aprofunda os vários aspectos dessa questão e a relaciona com as inúmeras dimensões do complexo de castração do menino e da menina, ou seja, a mentira em função da negação da castração.

Ainda nesse artigo, Brunswick se refere a duas mentiras tradicionais das mulheres, a saber, a mentira sobre a idade e a mentira sobre o orgasmo. No caso da mentira sobre o orgasmo, a autora afirma o seguinte: “Assim a mentira sobre o orgasmo é essencialmente uma declaração

daquela sexualidade fálica que as mulheres não possuem. Constitui uma segurança para ambos, homens e mulheres” (p. 206). Em relação à mentira sobre a idade, ela diz: “Enquanto elas são jovens, mantém-se a possibilidade, como na infância, de adquirirem, de algum modo, um pênis. O fascínio dos homens pela juventude feminina é, fundamentalmente, da mesma natureza que o pavor da velhice nas mulheres” (p. 206).

Já no artigo “Um sonho de um romance japonês do século II”, de 1927, primeiro artigo publicado pela autora no *International Journal of Psychoanalysis* (em 1928), a psicanalista explora, brevemente, as descobertas científicas da psicanálise a partir da análise de um sonho presente nesse romance do Japão antigo. A autora demonstra que os resultados obtidos pela psicanálise, no que diz respeito ao inconsciente, sua aparição nos sonhos e, também, aos próprios sonhos como expressão de desejos ou emoções, já estavam sendo considerados no Japão antigo, em oposição às crenças ocidentais predominantes.

Em suma, depois da leitura dessa coletânea de Brunswick, é possível dizer que seguimos com a mesma indagação que Paul Roazen após suas descobertas feitas através das entrevistas com antigos pacientes de Freud. Roazen deparou com uma questão enigmática em relação a Brunswick em sua investigação: se ela foi uma presença tão marcante como paciente, discípula “favorita” e participante ativa nas reuniões familiares de Freud, conforme relatado pelos entrevistados, a que se deve seu desaparecimento dos arquivos psicanalíticos? Como se pergunta Cromberg logo no prefácio:

A história era no mínimo surpreendente: como uma das psicanalistas mais lembrada pelos contemporâneos e mais reconhecida pelas suas qualidades clínicas e teóricas havia subitamente desaparecido do mapa psicanalítico e se transformado em mera nota de rodapé de um caso emblemático freudiano? (p. 12).

Socha, por sua vez, se debruça sobre o motivo que pode ter levado ao apagamento nos arquivos

psicanalíticos da colaboradora de Freud, diz ele: “O número reduzido de publicações, quando comparado aos seus contemporâneos, pode ter contribuído para o esquecimento de sua obra. Mas há também outros fatores que possivelmente influenciaram seu destino” (p. 231).

Entre os outros fatores, havia um que se referia às relações pouco usuais de Freud com os Brunswicks. Roazen constatou por meio das entrevistas com Mark e David Brunswick que Freud havia analisado os três membros da família Brunswick. Ou seja, tanto Ruth Mack Brunswick como seu marido, Mark Brunswick, e seu cunhado, David Brunswick, eram analisantes de Freud no mesmo período:

Segundo Roazen:

A análise de Ruth contrastava por completo com os ensaios freudianos, nos quais recomendava uma técnica apropriada para os analistas adotarem. (David) Brunswick resumiu a atitude de Freud como do tipo “façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço”. Freud foi capaz de se permitir uma liberdade especial com Ruth, assim como ele fizera uma exceção ao aceitá-lo e a Ruth e Mark simultaneamente (p. 232).

Um outro fator que, provavelmente, contribuiu fortemente para o apagamento da analista dos arquivos freudianos se refere ao fim trágico da vida de Brunswick em decorrência do agravamento do seu estado de saúde. Socha afirma a esse respeito que:

Brunswick era acometida por doenças misteriosas que a faziam circular por vários médicos, sem obter um diagnóstico claro. Sentia fortes dores, que atribuía a cálculos

biliares, embora esse diagnóstico não fosse sempre corroborado pelos colegas consultados. Max Schur discordava do autodiagnóstico de Brunswick, o que, contudo, não a impedia de realizar intervenções cirúrgicas, sem obter melhora alguma. Suas dores eram tão intensas que ela passou a fazer uso contínuo de morfina, barbitúricos e outras substâncias que prescrevia a si mesma, avançando para um grave estado de toxicomania a partir de 1933-1934 (p. 251).

E na sequência, acrescenta:

Após se automedicar de dores agudas no globo ocular, Brunswick perdeu a visão de um dos olhos. O divórcio definitivo com Mark ocorreu em 1945 e, no ano seguinte, ela sofre uma queda fatal no chão do banheiro, em um episódio um tanto obscuro (p. 252).

Apesar de existir uma suspeita de suicídio, acredita-se que a causa mais provável de sua queda accidental se deva ao uso excessivo de soníferos.

Por fim, o livro *Ruth Mack Brunswick: escritos reunidos* dá a oportunidade ao leitor de conhecer a trajetória fascinante dessa psicanalista, nascida no século dezenove, que se tornou colaboradora importante de Freud, entre 1920 e 1930. Seu apagamento da história da psicanálise, provavelmente, se deve aos fatores supracitados, como também às questões históricas e políticas institucionais de uma época em que se acreditava que dogmas, ortodoxias e *purezas* dariam maior credibilidade para a nova ciência. Conforme afirma Cromberg, mais de cem anos de psicanálise permitem-nos encontrar verdadeiros achados arqueológicos, como aconteceu também no caso de Sándor Ferenczi e Sabina Spielrein, que enriquecem e reavivam a psicanálise.